

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS AGROVETERINÁRIAS - CAV
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO - CAV

**ESTUDO EDUCATIVO EPIDEMIOLÓGICO DA DOENÇA DE
AUJESZKY EM
SANTA CATARINA NO PERÍODO DE 1983 A 1999**

ALFEU SANDRIN

LAGES, SC, 2.000

**ESTUDO EDUCATIVO EPIDEMIOLÓGICO DA DOENÇA DE
AUJESZKY EM SANTA CATARINA NO PERÍODO DE 1983 A 1999**

MONOGRAFIA APRESENTADA À COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO CENTRO DE CIÊNCIAS AGROVETERINÁRIAS – CAV DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA EM SANIDADE ANIMAL.

ORIENTADOR: JOSÉ LUIZ LEÃO MARQUES

LAGES, SC, 2.000

ALFEU SANDRIN

**ESTUDO EDUCATIVO EPIDEMIOLÓGICO DA DOENÇA DE AUJESZKY EM SANTA
CATARINA NO PERÍODO DE 1983 A 1999**

Orientador

JOSÉ LUIZ LEÃO MARQUES

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Histórico

Definição

Etiologia

Epidemiologia

Patogenia

Sinais clínicos e lesões

Diagnóstico

Medidas de controle da doença

METODOLOGIA

RESULTADO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Estudo retrospectivo do comportamento epidemiológico da doença de Aujeszky

Seleção do grupo e da área trabalhada

População suína existente nas propriedades envolvidas

Distribuição das propriedades segundo o sistema de exploração

Distribuição das propriedades segundo a empresa integradora

Distribuição dos produtores segundo o tipo de exploração

Distribuição segundo sistema de criação

Distribuição temporal da doença de Aujeszky conforme sua ocorrência nas propriedades estudadas

Distribuição dos produtores segundo o tempo de uso da propriedade com a suinocultura

Distribuição das propriedades segundo a identificação da origem dos focos

Distribuição dos produtores segundo o tempo de uso da vacina contra a doença de aujeszky

Distribuição das propriedades segundo mortalidade de leitões em aleitamento no último ano

Distribuição das propriedades segundo a ocorrência de problemas reprodutivos indicativos da doença de Aujeszky

Presença de animais domésticos em contato direto ou indireto com suínos em propriedades suinícola

Conhecimento da atitude e do comportamento do criador Frente a doença de Aujeszky

Comportamento dos produtores segundo a origem dos reprodutores adquiridos

Comportamento dos produtores segundo a busca de assistência técnica

Comportamento dos produtores quanto as anotações.

Referente à compra de animais e produtividade na propriedade

Atitude quanto ao motivo da adoção da

Prática de vacinação

Comportamento do produtor segundo o esquema de vacinação adotado

Comportamento quanto a regularidade da vacinação

Comportamento segundo o motivo porque deixaram de utilizar a vacina

Atitude quanto a aprovação de um programa de

Erradicação da doença de Aujeszky

Atitude quanto ao abate sanitário para erradicação da doença de Aujeszky

CONCLUSÃO

Recomendações

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANEXO

1. INTRODUÇÃO

A doença de Aujeszky é uma das principais enfermidades que atingem a suinocultura. Vários países estão lutando para erradicar esta herpesvirose. A doença tem adquirido, ultimamente, maior importância econômica, especialmente em países com indústria suína intensiva e moderna, devido ao incremento da incidência e da severidade da doença, principalmente em leitões e em porcas gestantes.

Em Santa Catarina, nas áreas de produção suinícola intensiva, os transtornos causados pela infecção e pela doença parecem ser de idêntica gravidade aos relatos em outros países. Surtos com alta mortalidade de leitões tem acometido diversos plantéis no Estado de Santa Catarina. (Romero et al, 1987 b)

A suinocultura catarinense possui o melhor nível de produtividade do país, tanto no campo como na agroindústria, sendo compatível à dos europeus e americanos. Com um desfrute superior a 160%, Santa Catarina abate anualmente cerca de 6 (seis) milhões de animais em abatedouros com Serviço de Inspeção Federal (SIF), produzindo 480 (quatrocentos e oitenta) mil toneladas de carne, equivalente a 30% (trinta por cento) da produção nacional, participando com mais de 70% (setenta por cento) das exportações brasileiras.

O agronegócio suinícola está concentrado principalmente na região Oeste e Meio Oeste catarinense, em cinco grandes empresas que detém aproximadamente 80% (oitenta por cento) do mercado. Com uma capacidade de abate em franca expansão, suas estruturas frigoríficas são compatíveis às mais modernas do mundo. É uma atividade que exige muita dedicação do criador para alcançar bons índices de produtividade e, conseqüentemente, melhores resultados econômicos. A margem de lucro para o produtor de suínos tem-se mantido historicamente pequena, havendo períodos em que esta gera prejuízos trazendo muitos problemas como abandono da atividade e êxodo rural, tornando-se difícil ao produtor enfrentar ainda perdas causadas por surtos de doença, tais como a doença de Aujeszky.

Pode-se afirmar através da comprovação dos monitoramentos sorológicos que estão sendo efetuados desde 1985 que todas as granjas que comercializam reprodutores no Estado de Santa Catarina são livres da doença da Aujeszky, porém o mesmo não ocorre com as demais propriedades suinícolas. Através de diagnósticos laboratoriais efetuados no Centro de Diagnóstico em Saúde Animal - CEDISA, localizado em Concórdia (SC), constata-se que está havendo um aumento significativo do número de propriedades com animais sorologicamente positivos para a doença no Estado.

Quando surgiram os primeiros focos da doença de Aujeszky (1983) em Santa Catarina, adotou-se como forma de controle sanitário nas propriedades problemas a vacinação dos seus plantéis, sem a adoção de outras medidas sanitárias preconizadas para evitar a sua difusão.

O objetivo deste trabalho de pesquisa é o de avaliar as causas mais prováveis do aumento do número de focos ocorridos nos últimos anos, que se acredita estar relacionados ao comércio de animais vacinados (portadores sadios) em desacordo com a legislação vigente, a falta de

conhecimento do comportamento epidemiológico da doença por parte dos suinocultores e dos técnicos e a falta de biossegurança nas propriedades suinícolas.

Embora a doença de Aujeszky ainda não seja um entrave sanitário para o comércio internacional de carne suína, e estar presente em vários países, faz com que não se torne uma emergência sanitária. Entretanto Santa Catarina poderá perder competitividade para outros Estados, tais como Rio Grande do Sul e Paraná, onde esta doença não é diagnosticada há muito tempo.

Portanto, é de suma importância para a economia de Santa Catarina, estar livre desta enfermidade, pois além da possível sanção sanitária para a exportação haverá um incremento nas performances reprodutivas, com conseqüente aumento da produtividade, com maior lucratividade aos suinocultores.

Suínos imunes podem tornar-se infectados:

O vírus pode infectar e replicar em animais que possuem anticorpos, seja por contato com o vírus de campo (doença) ou após vacinação. Desta forma as vacinas não protegem contra a infecção, e os animais vacinados podem tornar-se portadores, pois a vacinação não impede infecções com vírus de campo, nem impede o estabelecimento da latência (Sobestiansky et al, 1999).

A sobrevivência do vírus nas condições ambientais:

O vírus da doença de Aujeszky é inativado rapidamente pelo calor e luz solar. Em ambientes limpos (concreto) o vírus não sobrevive senão por poucas horas (Lyra, 1983) em ambiente contaminado pode sobreviver por 2-7 dias.

O reservatório do vírus são os suínos adultos, portadores inaparentes da infecção, dos quais já se isolou o agente após mais de 180 dias de infectados (Hipólito, 1964).

Segundo Sobestiansky et al (1999) devem ser considerados ainda os seguintes aspectos em relação a difusão da infecção:

A espécie suína é a única que tem importância na difusão da doença.

A doença pode ser transmitida pelo sêmen quando os animais apresentarem viremia, ou quando ocorrer contaminação no processo de colheita.

O vírus esta presente nas secreções nasais e na saliva dos animais doentes a partir de 7-10 dias após a infecção, e nas secreções vaginais das porcas que abortam devido a doença. Urina, fezes e leite tem pouca importância como vias de eliminação do vírus.

Em criações de até 100 matrizes, a doença é autolimitante, com a permanência de animais com infecção latente, isto é, potencialmente portadores da doença. Em criações maiores, a tendência é a perpetuação da doença na forma endêmica, sendo que, a presença de suínos susceptíveis nas diferentes instalações faz com que surjam, periodicamente, animais com sinais clínicos.

Em áreas com alta densidade de granjas, há muita dificuldade em impedir a difusão da doença por ser facilmente transmitida via aerossóis.

A morbidade e mortalidade dependem da idade dos animais, sendo mais severos nos mais jovens, sendo que em leitões recém nascidos atingem a quase totalidade dos animais enquanto que entre animais na recria a morbidade é de 30 % e a mortalidade é de 40% .

MAIS INFORMAÇÕES :

Telefone: (49)

3222-5835

E-mail : lages@cidasc.sc.gov.br